

Caderno de artista: Narrativas autobiográficas

Rosvita Kolb Bernardesⁱ

Resumo

O artigo apresenta um relato inicial do desenvolvimento da proposta apresentada por um grupo de alunas do curso de Licenciatura em Educação Artística da Escola Guignard – Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)¹, em sua experiência docente na Escola Municipal Florestan Fernandes. A proposta feita às alunas consiste da criação de um caderno, no qual cada aluna bolsista registra as suas experiências poéticas e estéticas, usando não só a escrita, mas o desenho, a fotografia e colagens. O referencial teórico central desta proposta é Walter Benjamin² que apresenta o ato de lembrar como possibilidade para a reflexão que conduz a intervenções e construções para o tempo presente.

Palavras-chave: Narrativas autobiográficas, professor-artista.

Abstract

This article presents an account of the development of the initial proposal to the group of students of the Bachelor's Degree in Art Education from the Guignard School - University of the State of Minas Gerais (UEMG) Fellows Program Institutional Pouch Introduction to Teaching (PIBID) in your teaching experience at the Municipal School Florestan Fernandes. The proposal made to the students is the creation of a notebook in which each scholarship student records their experiences poetic and aesthetic, using not only the writing, but the design, photography and collages. The theoretical core of this proposal is that Walter Benjamin presents the act of remembering as a possibility for reflection that leads to action and construction at the present time.

Keywords: biographical narrative, teacher-artist

Introdução

¹ O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência foi implementado, em nível nacional, através de edital MEC/CAPES/FINDE, em 2007, com vistas a fomentar a iniciação à docência de estudantes das instituições federais de educação superior e preparar a formação de docentes em nível superior, em cursos de licenciatura presencial plena, para atuar na educação básica pública.

² BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: rua de mão única*. 5. ed. São Paulo-SP: Brasiliense, 1995.

Entre os artistas plásticos o registro de reflexões, esboços, anotações diversas sobre suas produções é chamado de *caderno de artista* ou *livro de artista*. Para o pesquisador e professor, Paulo Silveira o livro de artista “é o livro em que o artista é autor e livro-obra é a obra de arte dependente da estrutura de um livro”. (SILVEIRA,2001, p. 47).

Na arte contemporânea é bastante comum o livro de artista. Os artistas brasileiros têm incorporado, desde os anos 1960 e 1970, estes livros ao seu trabalho usando os mais diversos materiais para sua obra-livro. Prática trazida do campo da arte, o caderno de artista foi incorporado à prática das alunas bolsistas do Programa institucional de Bolsas de Iniciação à Docência nesta experiência. No campo da educação, normalmente a prática de registrar acontece pela escrita nos cadernos de planejamento dos docentes.

A reflexão aqui apresentada refere-se a duas estudantes do curso de Licenciatura de Educação Artística, pertencentes a um grupo de alunos que fazem parte do subprojeto *Ateliê de Arte na Escola*, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. No projeto *Ateliê de Arte na Escola* atuam dez alunos em duas escolas, uma municipal e a outra estadual, na cidade de Belo Horizonte, desde agosto de 2012. O referido projeto conta com uma carga de trabalho de vinte horas mensais na escola com os alunos, 8 horas de estudo e planejamento na escola pública e também na Escola Guignard-Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG. Faz parte do planejamento pedagógico realizado na Escola Guignard/UEMG no curso de Licenciatura de Educação Artística descrever, analisar o cotidiano educativo, registrando as experiências vividas com a arte, com a educação.

Algumas referências

Para Benjamin (1995) a construção do passado é fundamental enquanto ação para mudanças no presente. Inspirada pelo caminho do recordar que este autor aponta, apresento neste artigo, para reflexão, o registro artístico, *caderno de artista*, de duas alunas/bolsistas em sua experiência docente com o programa PIBID, na Escola Municipal Florestan Fernandes.

Localizei como exemplo, alguns autores como Madalena Freire (1983) com o seu livro *A paixão de conhecer o mundo*, Cecilia Warschauer (1987) com seu livro *A roda e o registro: uma parceria entre professor, e conhecimento* e Luciana Ostetto (2011) com o livro *Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores*, que incorporam na sua prática docente o registro reflexivo.

Em uma linha muito semelhante, tem-se o pedagogo italiano Loris Malaguzzi (1995) que introduziu a fotografia como instrumento para documentação. Para esse autor, as imagens podem dar visibilidade para as “cem formas” com as quais as crianças se relacionam com o mundo. Desta forma, o registro fotográfico foi apresentado às nossas alunas/bolsistas como mais uma possibilidade de documentação voltada à reflexão.

Produzir um caderno de artista exige de nós uma predisposição para a reflexão constante, na qual a memória tem um papel fundamental. Exige um “refazer e um repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências anteriores”. (BERGSON *apud* KENSKI, 2003, p.146) Isto nem sempre é simples, pois “a memória é um movimento permanente de reconstrução, determinado pelas condições concretas e emocionais do sujeito, no momento presente.” (KENSKI, 2003, p.146).

Para dar continuidade à prática do caderno de artista, selecionei alguns fragmentos produzidos pelas duas alunas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. O que elas escrevem? O que elas desenham? Inspirada pelo caminho do lembrar e, também, pela leitura das histórias narradas em *Infância em Berlim por volta de 1900*, onde Benjamin (1995) já adulto, narra algumas experiências da sua infância. Mergulho nas histórias narradas pelas duas estudantes.

Fragmentos da primeira história: Treinando a Semear:

“Estou cercada, neste projeto por seres de tamanhos variados, às vezes maiores do que eu, de cores variadas e de comunidades diferentes em suas expressões musicais. Como posso provocar nesses outros, de maneira mágica como sou provocada por meus professores, o resgate de suas autoestimas ou de suas identidades?”

Percebo que a teoria é muito fácil de ser acumulada com os estudos de educadores brilhantes, teses e estágios cheios de experiências (boas ou más, porém de conteúdo muito rico). Mas esses frágeis alunos, talvez, estejam, apenas interessados em um acolhimento, um abraço, ou um elogio sobre a cor azul do cabelo do personagem de seus desenhos. Estou ainda perdida, vivendo em meu mundo perfeito, cercado de pessoas perfeitas, morando em casas que nunca vão cair ou ser invadidas por uma enchente ou por pessoas não tão desejáveis.

Reconheço que neste projeto do PIBID, estou tendo a oportunidade (...) para construir o meu desejo, reconhecer o meu limite e dos meus colegas, para trabalhar na formação de uma equipe, para depois ser capaz de acolher essas sementinhas/alunos.

O projeto PIBD se sustenta por não estar ligado ao resultado, mas ao caminho, ao processo e isto acolhe a minha busca. Assim sinto que sou uma aluna da minha equipe. Todos os dias, aprendo com os meus colegas e com os profissionais da coordenação. Eles sempre respeitam o meu tempo individual”.

Os fragmentos de *Treinando a Semear*, apresentam um relato reflexivo de iniciação. É uma história de aprendiz na docência artista. A aluna, na sua ação de rememorar, revela uma escrita de si, trazendo questões éticas e estéticas da docência. Questiona o fato de tornar-se artista professora. Onde a delicadeza e a escuta, indicam caminhos, com a oportunidade de *caminhar para si* para tomar consciência de seus percursos pessoais, afetivos e profissionais. É possível perceber na sua narrativa, uma escrita comprometida com o outro. Um querer ser professora artista, que vai além da busca insana por “competências” ou pela figura cristalizada de uma “professora competente” ou até de uma “professora pesquisadora” (LOPONTE, 2005, p.5). A aluna quebra essas imagens pasteurizadas, trazendo na sua escrita as suas incertezas, medos e desejos. Imprimindo na sua narrativa a reflexão, na qual as questões relativas à subjetividade, contribuem para o seu processo de formação. Na sua escrita, prevalece a “ideia de que a pessoa que se forma, forma-se através da compreensão que elabora do seu próprio percurso de vida” (SOUZA, 2010, p.163).

Fragmentos da segunda história: A cebola

“Pensar sobre o encontro no ateliê me aproxima do meu processo de cebola, das minhas várias cascas, da acidez dos meus ruídos, da poesia do Neruda onde sou rosa de água com escamas de cristal, da percepção do mundo através do olhar vagabundo de Rubem Alves. Despir das minhas cascas velhas e pensar que o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

Onde estou voando? Estou preocupada com as minhas asas. (...)

Em roda, debaixo das árvores, na sombra conversamos sobre o voo, o diálogo foi surgindo, a troca, a delicadeza do amor, a descoberta de uma folha, a dor das perdas. Fui compartilhando as nossas buscas, os nossos questionamentos, falando do nosso processo, escutando o plano de voo de cada um. (...)

A nós, artistas/estudantes/professoras, caberia descobrir qual a cor da áurea de cada um. (...) Já o João, aluno, trouxe uma pena, construiu um tinteiro e escreveu o seu nome com a sua pena/caneta.

Depois, conversando com a professora da turma, soube que ele não escreve e nem lê e fiquei pensando ‘por que ele trouxe a escrita para sua produção artística?’ Com um pedaço de mangueira ele criou um bambolê e pediu que eu fizesse um vídeo dele dançando com o objeto. Quando fomos gravar o vídeo, percebi que não havia espaço suficiente dentro do ateliê. Então, sugeri que gravássemos fora do ateliê. Ele olhou para mim e perguntou: mas aqui? Ele estava preocupado com o que os outros fariam. Olhei para ele e levantei os ombros como se quisesse dizer: Então, o que você quer fazer?. Em seguida ele colocou o bambolê na cintura e começou a dançar. (...)”

Entre várias camadas a metáfora da cebola conduz a narrativa da aluna/bolsista. Ao mergulhar nas *várias cascas* da sua escrita, lembrei-me do escritor alemão Günter Grass com o seu livro autobiográfico, nas peles da cebola. Ele compara o ato de descascar cebolas com as várias camadas que compõe a sua história de vida. Esta aluna, intuitivamente também faz isto. Preocupada, tenta desfazer-se das suas *velhas cascas*, desvendado em seu voo com os alunos, na sombra das árvores no quintal da escola. A estudante/bolsista compartilha a sua busca, ao ouvir o desejo do aluno João que traz a escrita para a sua produção artística. Mas, foi no movimento do bambolê e a preocupação com as suas asas, que a estudante/bolsista e aluno da escola se encontraram. Ele queria dançar! Ela queria voar! Juntos? Talvez...

Duas histórias: alguns indícios

Fiquei por alguns dias, completamente envolvida com a narrativa dessas duas estudantes do curso de licenciatura de Educação Artística da Escola Guignard. Li uma vez, duas... Saí de perto das histórias para tentar sentir/entender o que os desenhos e os registros poderiam me dizer, me apontar em relação à formação docente. Para entender, leio em Nóvoa(2004)

o formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais(autoformação); o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (heteroformação); o formador forma-se através das coisas(dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica (ecoformação). (NÓVOA, 2004,p.16)

Gosto dessa ideia de que o formador forma-se através das coisas, forma-se a si próprio e na relação com os outros. Observar a atuação dessas duas estudantes no subprojeto Ateliê de arte na escola, na relação que estabelecem com os outros, com a arte, revela-me exatamente esta ideia.

Revela-me, também a ideia de que, incorporar a proposta do registro através caderno de artista, seguindo às vezes pelo caminho da autobiografia, o quão produtivo e significativo pode ser este trabalho dentro do campo de formação de professores. Observei que, no momento em que as estudantes entraram em contato com as experiências escolares e ao refletirem sobre essas experiências, aprenderam com a sua própria história, pois

O trabalho centrado nas histórias de vida, diários biográficos e narrativas de formação, adota, além da reflexividade, outros aspectos e questões relativas à subjetividade e à importância de se ouvir a voz do professor ou compreender o sentido da investigação-formação, centrada na abordagem experiencial, por partir da teoria da atividade do sujeito, que aprende a partir da sua própria história. (SOUZA, 2007, p.3).

Nos encontros semanais de estudo e planejamento invisto para que os estudantes exercitem não só o uso da imagem, mas criem o hábito do registro, por concordar com Warschauer (1993), na afirmação de que “registrar é deixar marcas. Marcas que retratam uma história vivida.” (WARSCHAUER, 1993, p. 61). O registro pode e deve ser revelador de processo. Registrando, os alunos podem aprender mais sobre si mesmos, ampliando seu olhar, alargando os sentidos da formação. (OSTETTO, 2008, p.135).

É o ato de *aprender mais sobre si mesmo* que me interessa. Interessa-me que os alunos, que abraçam a jornada de formação para tornarem-se professores, pensem sobre as experiências que lhes são significativas, que percebam a necessidade de percorrer e enfrentar situações novas e desconhecidas. Interessa-me que esses alunos consigam, além de aventurar-se pelos planejamentos e pelos conteúdos, aprendam para si e sobre si, o que segundo Ostetto(2008) é acontece, pois

ao narrar a experiência vivida, o professor aprende sobre si mesmo e sobre a sua prática, pois ao organizar o pensamento por escrito, na experiência narrativa, constitui um campo de reflexão: toma distância para aproximar, aproxima para aprofundar, aprofunda e reconstitui o vivido com outras cores, de forma ampliada e integrada. (OSTETTO, 2008, p. 134).

Ao tentar finalizar este texto cai no meu colo o texto da menina que queria voar. Transcrevo alguns fragmentos abaixo para finalizar estas reflexões.

Fragmentos do texto Para que preciso de pés quando tenho asas para voar?

Inventei uma menina sonhadora para me ser.

Ela tinha um desejo elevado para voar.

De suas ideias vazava uma nobreza de pássaro.

E ela ficava a imaginar...

e se eu atravessasse um rio de borboletas amarelas?

e se eu fosse uma índia quase no sol?

e se eu subisse numa árvore de passarinhos e pegasse na mão do vento?

e se construísse um helicóptero de libélulas?

A menina ia arquitetando os despropósitos de barro na poesia de ser criança.

Trabalhava sem tréguas nesse desejo de voar, aí ela teve outra visão, a de construir um balão.

E continuou a se perguntar qual seria o tamanho, a cor, a textura, quem iria com ela voar...

Mas não imaginava que esses delírios irracionais da imaginação fizessem mais bela a nossa passagem.

E ela continuou: e se eu construísse um balão gigante como o Polifemo das aventuras de Ulisses onde a inteligência venceu a brutalidade? E se ele tivesse as cores vermelho, amarelo e azul de Miró? Ou se como ele, eu tivesse os pés firmemente plantados no chão para poder lançar-me ao espaço?

Será que o meu balão voaria mais intenso, se possuísse as pinceladas de Van Gogh? Seria mais leve se experimentasse as coreografias de Pina Bausch?

Certo dia, ela ouviu que um tal de Ícaro voou mas que do céu se esborrachou. E ela ficou com muito medo.

E o medo dela foi tão grande que ela já não queria mais voar. Então ela se escondeu debaixo da cama e começou a chorar.

Passou a andar de cabeça baixa sem para o céu olhar. E os seus dias se tornaram cinzas, como poderia ela uma menina sem desejo e fé voar?

Foi quanto umas boas moças lhe mostraram que voar fora das asas era possível e foi assim...

Com o amor a gente mora no outro.

É pelo caminho do imaginário que a menina voadora nos conduz. É um convite! Um convite para seguir na docência artista. Um convite para voar no tempo, na espera, na pausa. Voar no diálogo com o outro e consigo mesmo, para a construção de um caminho que nos seja próprio: “para que ter pés se tenho asas para voar?”(KAHLO, 1995).

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo-SP: Brasiliense, 1994.
- FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FUENTES, C. *Diário de Frida Kahlo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- GRASS, G. *Nas peles da Cebola*, São Paulo: Editora Record, 2007.
- KENSKI, V. M. Sobre o conceito de memória. In FAZENDA, I. (Org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2004.
- KRAMER, S. *Por entre as pedras: armas e sonho na escola*. São Paulo: Ática, 2006.
- MICHALISZYN, P. *Da serra ao pé da serra ou escavando “medicinas”*. 1988, 344 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade de Campinas, Campinas. 1988.
- NÓVOA, Antonio. (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 2007.
- OSTETTO, L. E. *Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão*. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- (Org.) *Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores*. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- (Org.) *Arte na Educação: Pesquisas e experiências em diálogo*. Campinas, SP: Caderno CEDES, 2010.
- SILVEIRA, P. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.
- SOUZA, E. C. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.
- WARSCHAUER, C. *A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (2011). Leciona Arte no Ensino Fundamental desde 1978. Foi professora da Escola Balão Vermelho. Hoje é professora efetiva da Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), onde leciona para cursos de graduação e pós-graduação. Atualmente é coordenadora do curso de Licenciatura de Educação Artística. Foi professora do curso de Estilismo e Moda da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É assessora das proposições curriculares da educação infantil da Prefeitura de Belo Horizonte. Tem experiência na área de ensino de Arte e educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, educação infantil, educação estética, narrativas de formação, abordagem autobiográfica, história de vida.